

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA Y LA FORMACIÓN DE LECTORES CRÍTICOS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Nivaldo Pedro de Oliveira¹

<https://orcid.org/0009-0001-9148-2783>

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i5.648>

Aceito em: 13.05.2026

Resumo: O presente artigo aborda a importância do ensino da Língua Portuguesa voltado à formação de leitores críticos na educação básica, mas focando no trabalho do professor da escola pública. Mostrou o papel relevante da leitura, além de simples decodificação, mas que deve promover a compreensão, análise e interpretação dos textos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania. Teve como objetivo um promover de práticas pedagógicas que desenvolvam a leitura crítica dos estudantes da educação básica, por meio do ensino da Língua Portuguesa. E, como problema de estudo, como o ensino da Língua Portuguesa pode contribuir efetivamente para a formação de leitores críticos na Educação Básica, considerando os desafios e as práticas pedagógicas atuais? Para isso, foi necessário rever práticas pedagógicas desatualizadas e metodologias que ainda priorizam o ensino mecânico da gramática em detrimento da leitura significativa. O estudo fundamentou-se em bibliografias de autores importantes como Freire (1989), Kleiman (1995) e Solé (1998), e outros que defendem uma abordagem interacionista da leitura, sendo o mesmo estudo do tipo qualitativo e descritivo no pontuar ações de cunhos sociais. Ao longo do estudo, constatou-se que, embora a leitura crítica esteja prevista em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), muitas práticas escolares ainda são pautadas por abordagens tradicionais, voltadas ao ensino fragmentado da gramática e à interpretação mecânica de textos. Esse modelo dificulta o desenvolvimento do pensamento crítico e da compreensão aprofundada dos múltiplos sentidos que a linguagem pode expressar. Conclui-se que o professor de Língua Portuguesa precisa atuar como mediador no processo de construção de sentidos, além de buscar por formações voltadas para o seu trabalho, além de ser o motivador nas leituras e favorecendo a autonomia leitora dos seus estudantes.

Palavras-chave: Ensino da Língua Portuguesa. Leitura. Formação Crítica. Educação Básica. Práticas Pedagógicas.

1 Licenciado em: Letras/Espanhol; Pedagogia; Educação Especial; Ciências Biológicas; Letras - Língua Portuguesa. Especialista em: 24 Áreas da Educação. Mestrados em: Ciências em Educação. Tecnologias Emergentes em Educação. Doutorado: Ciências em Educação. Professor de Ensino Médio na Rede Pública, de Anos Finais na Rede Municipal, Formador do IFMA, Docente no Ensino Superior, Tutor EaD do IFMA. Orientador de Monografias do curso de Graduação Pedagogia EPT do IFMA. Orientador de Artigos Científicos em Especializações do IFMA/IFPI/UEMA/UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8827189436684383>. Orcid. <https://orcid.org/0009-0001-9148-2783>. E-mail nivaldopedro560@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo aborda la importancia de la enseñanza del portugués para la formación de lectores críticos en educación básica, centrándose en la labor del profesorado de escuelas públicas. Muestra el papel relevante de la lectura, más allá de la simple decodificación, ya que debe promover la comprensión, el análisis y la interpretación de textos, contribuyendo al desarrollo del pensamiento crítico y la ciudadanía. Su objetivo fue promover prácticas pedagógicas que desarrollen habilidades de lectura crítica en estudiantes de educación básica a través de la enseñanza del portugués. Y, como problema de investigación, ¿cómo puede la enseñanza del portugués contribuir eficazmente a la formación de lectores críticos en educación básica, considerando los desafíos y las prácticas pedagógicas actuales? Para ello, fue necesario revisar las prácticas y metodologías pedagógicas obsoletas que aún priorizan la enseñanza mecánica de la gramática en detrimento de la lectura significativa. Este estudio se basó en bibliografías de importantes autores como Freire (1989), Kleiman (1995) y Solé (1998), entre otros que abogan por un enfoque interaccionista de la lectura. El estudio es cualitativo y descriptivo, centrándose en los aspectos sociales. A lo largo del estudio, se constató que, si bien la lectura crítica está prevista en documentos oficiales como la Base Curricular Nacional Común (BNCC), muchas prácticas escolares aún se basan en enfoques tradicionales, centrados en la enseñanza fragmentada de la gramática y la interpretación mecánica de textos. Este modelo dificulta el desarrollo del pensamiento crítico y una comprensión más profunda de los múltiples significados que la lengua puede expresar. Se concluye que el profesor de lengua portuguesa debe actuar como mediador en el proceso de construcción de significados, además de buscar formación relevante para su trabajo, ser un motivador en la lectura y fomentar la autonomía lectora de su alumnado.

Palabras clave: Enseñanza de la Lengua Portuguesa. Lectura. Pensamiento crítico. Educación básica. Prácticas pedagógicas.

1 Introdução

O ensino da Língua Portuguesa (LP), é uma excelente ferramenta contribuidora na formação de leitores críticos na educação básica, por isso que, o ensino da LP no Brasil, especialmente neste contexto da educação pública, deve ir além da simples aprendizagem gramatical, visto que, ele deve contemplar a formação de leitores e escritores competentes e críticos, capazes de compreender o mundo por meio da linguagem.

Diante dos desafios educacionais contemporâneos, justifica-se com este estudo que, formar leitores críticos é uma necessidade urgente, o que faz do ensino da Língua Portuguesa precisar ir muito além da decodificação ou do ensino tradicional da gramática normativa, dado que, assumindo um papel ativo na construção da autonomia interpretativa e da consciência cidadã dos estudantes eles passam a ser mais ativos nos diversos discursos.

Apresenta-se a leitura crítica como a que possibilita ao estudante compreender o mundo, questionar discursos, interpretar realidades e participar socialmente, além de se auto identificar como pessoa fluente e social, por isso, se tem como objetivo no estudo um promover de práticas pedagógicas que desenvolvam a leitura crítica dos estudantes da educação básica, por meio do ensino da Língua Portuguesa. Interessante se entender autores como Freire (1989) que já

destacava que: “ler o mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, reforça nos dias atuais que, a linguagem é instrumento de transformação em qualquer época da história.

Desta forma, se tem como indagação para o estudo, como o ensino da Língua Portuguesa pode contribuir efetivamente para a formação de leitores críticos na Educação Básica, considerando os desafios e as práticas pedagógicas atuais? Ao se pensar no ensino da LP no desempenhar um papel fundamental na formação de leitores críticos na educação básica, é ir além da mera decodificação de palavras, buscando desenvolver nos estudantes a capacidade de interpretar, refletir e posicionar-se diante dos textos e do mundo.

Revela-se que, em um contexto marcado por múltiplas linguagens e pela grande circulação de informações, especialmente nas mídias digitais, torna-se essencial que os estudantes adquiram competências de leitura crítica, capazes de ajudá-los a analisar discursos, identificar intenções, reconhecer diferentes pontos de vista e construir argumentações. O que torna relevante incentivar a leitura de diferentes gêneros textuais, desenvolver estratégias de interpretação e análise crítica de textos ou ampliar o repertório linguístico e sociocultural dos estudantes nos diversos formatos dentro e fora da sala de aula.

O estudo traz um contexto estruturado e desenvolvido ao longo de observações literárias, com base nas práticas pedagógicas que já se desenvolve em sala de aula, com o ensino da língua Portuguesa, assim, por meio das seguintes consultas se tem um trabalho bibliográfico do tipo qualitativo e descritivo no explicar sobre a leitura e análise de textos jornalísticos, literários, publicitários e digitais, sendo estes oferecidos através de rodas de conversa e debates temáticos para que, os estudantes possam fazer a análise de fake news e discursos de ódio nas redes sociais e com isto, possam produzir novos textos críticos (resenhas, cartas argumentativas, artigos de opinião), além de aprenderem a usar vídeos curtos, charges e memes como textos interpretáveis com dadas realidades sociais.

Por mostrar dados e fenômenos sociais, se teve muito cuidado na organização dos materiais consultados e extraídos do Google Acadêmico, Capes, Revistas confiáveis, E-books, Conedu e Scielo, pois acredita-se serem fontes seguras e ajudam no encontrar de soluções plausíveis aos interlocutores deste texto. Acredita-se que, os estudantes consigam relacionar os textos lidos com temas sociais, históricos e culturais, além de utilizarem metodologias ativas que favoreçam a formação de leitores mais críticos.

Mostra-se as palavras de Gil (2017, p. 01), sobre este viés científico que é o: “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer respostas aos problemas que são propostos”, ou seja, para haver um estudo, é necessário se ter uma investigação que merece resposta, mas que para isso, é necessário um método adequado e merece ser investigado para que haja resposta social e com muita intimidade no contexto teórico que se busca tal resultado.

Desta maneira, se tem um estudo organizado em uma introdução no expor de forma leve o tema do estudo, um desenvolvimento bem mais aprofundado com grandes teóricos como Street (1984), Freire (1989), Candido (1995), Kleiman (1995), Geraldini (1997), Solé (1998),

Brasil (2018), Cosson (2006), Oliveira (2024) e, documentos normativos (BNCC e PCNs) que pontuam o ensino da Língua Portuguesa e uma conclusão que traz resultados esperados com tantos discursos teóricos selecionados.

Encerra-se esta sessão pontuando que, os estudantes mais engajados com a leitura e a escrita passam a ter uma maior compreensão da linguagem como prática social e um maior protagonismo dos estudantes nas leituras do mundo no contexto da sala, o que é muito positivo para a educação básica, portanto, formar leitores críticos na educação básica é um compromisso ético e pedagógico que exige do professor o papel de mediador do conhecimento, proporcionando aos estudantes experiências de leituras diversificadas e reflexivas, que os ajudem no compreender o mundo e atuarem-se sobre ele com consciência e responsabilidade social.

2 A leitura como prática social e seus desafios e possibilidades na sala de aula

Como afirma Freire (1989, p. 11), ao frisar que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Desta magnitude, é imprescindível que as práticas pedagógicas estejam alinhadas à realidade dos estudantes, favorecendo a leitura como prática social, mas entre os desafios enfrentados pelo ensino de leitura estão a desmotivação de muitos estudantes, a limitação do acervo textual e a rigidez curricular que vem sendo engessada, dado que, muitas vezes, a leitura é tratada como obrigação e não como prazer nas aulas de Língua Portuguesa, o que compromete o desenvolvimento de habilidades leitoras na mesma e em qualquer outro componente curricular.

De acordo com (LEFFA, 1996, p. 18), “a leitura é frequentemente reduzida a um processo de decodificação mecânica, desvinculado da realidade do leitor e desprovido de sentido social”, ou seja, essa abordagem técnica e descontextualizada contribui para o desinteresse dos estudantes e dificulta o desenvolvimento de competências leitoras mais amplas, como a interpretação crítica e a argumentação, no entanto, por outro lado, com o avanço das tecnologias digitais, novas possibilidades se abrem para o ensino da leitura e o uso de blogs, e-books, vídeos e redes sociais pode despertar o interesse dos estudantes, desde que bem planejado pelo professor e bem integrado ao currículo da turma.

Entende-se que, o ensino da Língua Portuguesa na educação básica enfrenta diversos desafios que comprometem a efetivação de práticas pedagógicas significativas e, em tratando-se da educação pública as realidades são outras, entre os principais obstáculos estão a desmotivação dos estudantes, a ausência de leitura fora da escola, a limitação de recursos didáticos, às vezes a pouca vontade ou o despreparo do professor do componente curricular e a persistência de metodologias tradicionais centradas apenas na gramática normativa.

Contudo, apesar dos entraves, há muitas possibilidades que podem ser exploradas, por isso, o uso de metodologias ativas, a valorização dos gêneros textuais do cotidiano da sala de aula, a integração de recursos digitais e o incentivo à leitura literária são caminhos promissores favorecem melhores condições de leituras, assim, Cosson (2006, p. 22), traz como apontamento

que: “a literatura pode e deve ser trabalhada como instrumento de formação do leitor, desde que inserida em um projeto pedagógico coerente e sistemático”, expõe-se que, além disso, a ampliação do repertório textual e a promoção de rodas de leitura, debates, produção de textos multimodais e uso de tecnologias como podcasts, vídeos e blogs favorecem a aproximação do estudante com a linguagem viva, tornando o ensino mais significativo, atrativo e conectado com a realidade contemporânea na sala de aula.

Em tratando-se da leitura como prática social e seus desafios ou possibilidades na sala de aula na educação pública, se percebe que, a leitura, no contexto escolar, não pode ser tratada apenas como um exercício mecânico ou técnico. Ela deve ser entendida como uma prática social e cultural que permite ao sujeito interpretar e interagir com o mundo, pois ressalta-se que, ler é interagir com o texto, ativando conhecimentos prévios e construindo significados (Kleiman, 1995).

A escola, como instituição formadora, deve desenvolver projetos e atividades que estimulem seus docentes e os estudantes a lerem criticamente diferentes gêneros textuais, de forma que possam refletir sobre as informações, argumentos e intenções comunicativas presentes nos textos. A leitura, quando concebida como prática social, ultrapassa a ideia tradicional de simples decodificação de palavras, porque, ela passa a ser entendida como uma ação situada historicamente e culturalmente, que envolve sentidos, contextos e propósitos. Nessa perspectiva, ler é interagir com o texto, com o autor e com o mundo, utilizando a linguagem como meio de inserção social e construção de identidade.

Segundo Kleiman (1995, p. 16), “a leitura é um processo interativo de construção de significado, mediado pelo conhecimento prévio do leitor e pelos objetivos de leitura”, em decorrência disso, significa dizer que, o ato de ler envolve mais do que o domínio técnico do código escrito; exige do leitor a ativação de saberes, valores e experiências de vida. Assim, a escola deve proporcionar ao estudante o contato com diversos gêneros textuais e contextos de leituras, permitindo que ele se reconheça como sujeito capaz de compreender e transformar a realidade por meio da linguagem, é por meio desta leitura crítica que, o estudante se torna cidadão atuante e consciente.

Percebe-se que, o ensino da Língua Portuguesa desempenha um papel central na formação de leitores críticos na educação básica, pois visa desenvolver competências que vão além da decodificação de palavras, incentivando a interpretação, a análise e a tomada de posição diante dos diversos discursos presentes na sociedade. Para Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, ensinar a ler criticamente é ensinar a compreender a realidade, questioná-la e transformá-la. Por isso, ao se considerar a leitura como uma prática social, entende-se que ela está inserida em diferentes esferas de uso da linguagem, seja na escola, na comunidade, no trabalho ou nos meios digitais.

O conceito de letramento ideológico, proposto pelo antropólogo britânico Brian Street (1984), já representa uma ruptura com a visão tradicional e autônoma do letramento, que

o concebia apenas como a aquisição de habilidades técnicas de leitura e escrita. Para Street (1984), o letramento deve ser compreendido como um fenômeno social, situado historicamente, culturalmente e politicamente. Isso significa que ler e escrever não são práticas neutras: elas estão carregadas de valores, ideologias e disputas simbólicas. Percebe-se que os autores, ao defender o letramento como prática social, criticam os modelos autônomos, que desconsideram as condições concretas dos sujeitos leitores e os contextos em que os textos são produzidos e interpretados.

O letramento ideológico é essencial para a formação de leitores críticos e cidadãos atuantes. Ao considerar os múltiplos letramentos existentes - escolares, digitais, midiáticos, religiosos, etc. - essa abordagem respeita as diferentes formas de inserção social dos sujeitos e valoriza seus saberes prévios. Além disso, permite problematizar os discursos dominantes e desenvolver uma educação linguística comprometida com a democracia e a justiça social.

Entende-se que, o letramento ideológico, portanto, reconhece que a leitura e a escrita são sempre mediadas por relações de poder, e que alfabetizar é também educar para a leitura crítica da realidade e, ao defender o conceito de letramento ideológico, toda prática de leitura é atravessada por relações de poder e valores culturais: “não existe leitura neutra; todo ato de leitura envolve escolhas, interpretações e posicionamentos” (Street, 1984, p. 1, *tradução nossa*).

Acredita-se que, ao se defender o letramento ideológico é defender uma escola que forma para a cidadania, que compreende o ensino da linguagem como prática de liberdade, e que rejeita qualquer abordagem neutra ou tecnicista da leitura e da escrita, essa concepção amplia o papel da escola como espaço de reflexão crítica, de empoderamento social e de transformação tanto social quanto digital. Contudo, esse objetivo de enfrentar os desafios consideráveis nas práticas pedagógicas atuais, muitos currículos ainda priorizam uma abordagem tradicional, centrada na gramática normativa e na análise mecânica de textos, o que limita o potencial reflexivo da leitura, além disso, a carência de formação continuada para os docentes, a escassez de materiais didáticos contextualizados e a ausência de uma cultura leitora em muitas escolas contribuem para o distanciamento entre o estudante e o texto.

Na atualidade, os estudantes estão inseridos em uma sociedade marcada pela grande circulação de textos, linguagens e informações, especialmente nos meios digitais, isso exige que o ensino da língua promova habilidades de leitura crítica, que permitam ao mesmo analisar discursos, reconhecer intencionalidades e argumentar com base em evidências, porquanto, a leitura deve ser tratada como um processo ativo, no qual o leitor constrói sentido a partir de seus conhecimentos prévios e das estratégias cognitivas mobilizadas (Solé, 1998).

Entretanto, esse objetivo de enfrentar os obstáculos nas práticas pedagógicas não é tão simples assim, em razão de, muitas escolas ainda adotarem métodos centrados em exercícios mecânicos de interpretação, análise gramatical descontextualizada e pouco diálogo com os gêneros textuais da vida cotidiana, à medida que, o ensino tradicional da língua tende a formar “leitores obedientes”, que buscam o sentido único do texto, em vez de estimular a leitura crítica, dialógica e participativa, além disso, há desafios estruturais, como a falta de formação continuada

dos professores, a limitação de acervos literários nas escolas e a ausência de políticas públicas eficazes para promoção da leitura.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, propõe a formação de sujeitos críticos e autônomos, e reconhece a importância da leitura como prática social, dado que, ela destaca que o ensino de Língua Portuguesa deve promover a competência leitora com base na diversidade textual e na construção de sentido em diferentes contextos, desta maneira, se percebe como é relevante a provocação para a formação docentes, pois o este mestre animado, pode cativar seus estudantes a lerem, mesmo diante de tantos entraves que se enfrenta na educação pública (Brasil, 2018).

Diante disso, percebe-se como é essencial que o ensino da Língua Portuguesa seja orientado por metodologias que valorizem o diálogo, o uso de textos autênticos e significativos, e a problematização da linguagem em suas diferentes funções sociais. Por isso, a leitura literária realizada de forma livre na sala de aula, por exemplo, traz um papel importante nesse processo, pois amplia o horizonte do estudante e permite o desenvolvimento da empatia e da imaginação crítica no gênero trabalhado, o que faz do mestre um excelente mediador neste caminhar social.

É relevante se pontar que, quando o estudante consegue se expressar através dos meios digitais, é inegável dizer que não são familiarizados com os tipos de tecnologias midiáticas, deste porte, uns até mais que seus professores que estão de fora do uso da cultura digital, o que faz nesta perspectiva, se ter nas palavras de Oliveira (2024), que demonstra a importância do digital com as TDIC no contexto escolar:

Ao se falar de cultura digital é relevante se pensar ou repensar na cidadania digital, como ela é ofertada, em especial, para o currículo da Língua Portuguesa, no ensino médio frente ao uso das TDIC visando a consolidação do letramento digital, por tratar-se de um conjunto de ações com valores que relacionam o social das pessoas com as mídias tecnológicas. Como impactos na educação, elas alinham conteúdos curriculares, permitindo que o estudante acesse informações, pesquisem e reflitam criticamente sobre temas de estudo, tendo como base a eficiência da conectividade na cultura digital (Oliveira, 2024, p. 20).

Acredita-se que, esta cultura digital através das tecnologias digitais da informação e comunicação precisa ser melhor explorada pelo professor de PL, dado que, é ele o mediador do conhecimento, pois na atual modernidade, o letramento digital faz parte da escola, em especial as públicas, pois seus currículos estão baseados nos documentos curriculares do tipo que atendem necessidades dos estudantes e incentivam os professores a buscar por estas e outras formações envolvendo as TDIC como é frisado pelo renomado autor, o que faz da conectividade no digital muito importante com o suporte da mídia tecnológica.

Entende-se que, é necessário repensar o ensino da Língua Portuguesa a partir de metodologias que promovam a leitura como prática social e que valorizem os gêneros textuais reais, a mediação dialógica do professor e a interação entre os saberes escolares e o cotidiano do estudante, porque, ao estimular a leitura de diferentes tipos de textos (literários, jornalísticos,

digitais) em contextos significativos, o professor pode favorecer o desenvolvimento de uma postura crítica, reflexiva e autônoma nos estudantes, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos.

2.1 O importante papel do professor de Língua Portuguesa na Educação Básica

O professor de Língua Portuguesa (LP) na atualidade, é um agente fundamental na formação do leitor crítico em sala de aula, uma vez que, é seu papel planejar uma aula equitativa, selecionar textos adequados, propor atividades desafiadoras e promover um ambiente dialógico em sala de aula, visto que, o professor deve ensinar estratégias de leitura que auxiliem os estudantes a compreender, inferir e avaliar o conteúdo textual, além disso, o uso de metodologias ativas, como rodas de leitura, debates, produção textual colaborativa ou livre, pode contribuir significativamente para a aprendizagem autônoma e crítica da LP (Geraldi, 1997).

O professor de Língua Portuguesa desempenha um papel central na formação de leitores e produtores de textos críticos, reflexivos e socialmente engajados, para isso, sua atuação deve ir além da transmissão de regras gramaticais e envolver a mediação de práticas de leitura e escrita que façam sentido na vida dos estudantes, não que tais meios não sejam importantes, mas se precisa de provocações de gostos entre os interlocutores, dado que, o ato de ler deve ser algo prazeroso, assim, quando o professor tem este hábito de ler e transparece aos seus estudantes, eles passam a serem cativados a esta prática pedagógica.

As palavras de (SOLE, 1998, p. 24), clareiam que é necessário “ensinar a ler e a compreender, explicitando as estratégias que usamos ao ler e ajudando os alunos a utilizá-las de forma autônoma”, assim, e, nesse sentido, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos e passa a ser um facilitador da aprendizagem, alguém que cria condições para que o estudante desenvolva competências linguísticas e discursivas relevantes para a sua vida social.

Apresenta-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento que, também reforça esse papel formador, ao afirmar que é responsabilidade do ensino da Língua Portuguesa garantir aos estudantes o domínio da leitura, da escuta, da oralidade e da escrita em múltiplos gêneros e mídias, a fim de prepará-los para o exercício da cidadania e para a atuação no mundo do trabalho (Brasil, 2018).

Acredita-se que, cabe ao professor selecionar textos significativos, propor atividades que despertem o pensamento crítico e promover espaços de diálogo em sala de aula, tendo em conta que, seu papel é, portanto, o de mediador do conhecimento, comprometido com uma prática pedagógica que respeite a diversidade linguística, cultural e social dos estudantes. O que é bem legal para o contexto avaliativo, além de ser processual, contínuo e qualitativo, logo, o professor observa a participação nas discussões, a evolução nas produções textuais de temas livres ou autodirigidos, de modo que, a capacidade de interpretação crítica aumenta e a cooperação nas atividades em grupo flui perfeitamente como apresentação de um produto final.

Destaca-se que, de acordo com Silva, Raminho e Brito (2021), o professor de Língua Portuguesa exerce papel fundamental na educação básica, pois é o responsável por promover práticas pedagógicas que desenvolvam a competência linguística, a capacidade de provocação para a leitura crítica e o aperfeiçoar da produção textual dos estudantes, considerando também os múltiplos letramentos presentes na sociedade contemporânea e digital.

Como consolo nesta fundamentação teórica, se pontua a leitura como uma prática social e cultural, que se constrói a partir da interação entre o texto, o contexto e o leitor, visto que, ao se ressaltar que ler é um processo interativo, em que o sujeito ativa conhecimentos prévios e interpreta significados, em consequência de, o ensino da linguagem deve estar comprometido com a emancipação dos sujeitos no destacar a importância do ensino de novas estratégias de leituras para tornar os estudantes leitores mais autônomos e reflexivos, então, enfatizar o papel da Língua Portuguesa na formação cidadã (Candido, 1995).

Entende-se que, é relevante no contexto atual da sala de aula na educação básica, mas propor a abordagem de textos multimodais, a valorização da diversidade linguística e o uso da leitura como instrumento de participação social faz com que o estudante se torne autor de suas imaginações através de qualquer texto, pois os resultados esperados dos estudantes são mais engajadores com a leitura e a escrita que executa.

Em dessarte, o desenvolvimento do pensamento crítico que passa a ser ampliado da capacidade argumentativa que desenvolvem, sem falar da compreensão da linguagem como prática social e sua maior participação protagonista dos estudantes nas leituras do mundo que executam, por isso, é de extrema necessidade incluir as TDIC nas práticas pedagógicas, como um direito à/de cidadania (Oliveira, 2024).

Compreende-se que, a legislação atual, passa a incluir na cultura digital dos currículos educacionais fatores relevantes no trabalho do professor, desta forma, as novas práticas de ensino surgem como inovações na nova forma de ensinar LP e nos espaços escolares ou sala de aula, se levanta como novas propostas novos meios de leituras que tratam dos saberes contemporâneos que tanto vem se falando nas últimas décadas e neste meio termo o professor que precisa capacitar-se para sair de certas zonas de conforto.

2.2 Formação docente no vencer dos desafios no ensino da Língua Portuguesa

A formação docente é essencial para que o professor consiga enfrentar os desafios presentes no ensino da Língua Portuguesa (LP), especialmente diante das mudanças sociais, culturais e educacionais. Por meio da formação continuada, o educador amplia seus conhecimentos e aperfeiçoa suas práticas pedagógicas. Dessa forma, torna-se possível desenvolver estratégias mais eficazes que favoreçam a aprendizagem da leitura, da escrita e da interpretação textual

A formação docente é um dos pilares fundamentais para enfrentar os enormes desafios do ensino da Língua Portuguesa, especialmente em um contexto educacional marcado por constantes transformações sociais, culturais e tecnológicas, portanto, o professor precisa estar

em constante atualização para desenvolver práticas pedagógicas que estimulem a leitura, a escrita e a interpretação crítica dos estudantes, por isso, a formação continuada precisa reconhecer o professor como sujeito ativo do processo formativo, valorizando sua experiência e promovendo espaços de reflexão crítica sobre a prática pedagógica no ensino da língua (Amorim; Sambugari, 2019).

A perspectiva destaca que o professor não deve ser apenas receptor de conhecimentos, mas protagonista de sua própria formação profissional, por isso que, ao valorizar suas experiências e vivências em sala de aula, a formação continuada contribui para a construção de saberes mais significativos, além disso, a reflexão crítica sobre a prática pedagógica fortalece o desenvolvimento de estratégias mais eficazes no ensino da língua.

Se pontua Carnin e Guimarães (2019), no destacarem que a formação de professores de Língua Portuguesa exige o domínio de conceitos linguísticos e discursivos que permitam ao docente compreender a linguagem em uso e desenvolver práticas de ensino que dialoguem com diferentes gêneros textuais, ou seja, a formação de professores de LP personalizada requer conhecimentos linguísticos e discursivos que possibilitem compreender a língua em seus diferentes contextos de uso.

O domínio dela ainda contribui para que o docente desenvolva práticas pedagógicas mais dinâmicas e contextualizadas, deste modo, o trabalho com diversos gêneros textuais favorece a ampliação das competências de leitura, escrita e interpretação dos estudantes, por isso que, diante das dificuldades encontradas no ensino da LP, como a defasagem na leitura e na produção textual, a formação continuada do professor torna-se essencial certas habilidades e, por meio de estudos, cursos, capacitações e reflexões sobre a prática pedagógica, o docente pode aprimorar estratégias que tornem o ensino mais significativo e contextualizado.

Se destaca a formação do professor de Língua Portuguesa precisa considerar a diversidade linguística presente na sociedade, superando práticas centradas apenas na norma padrão e ampliando a compreensão da língua como fenômeno social, mas é legal reconhecer que mesmo o pouco domínio padrão da norma culta pelos estudantes ou a não alfabetização consolidada entre eles, o desafio deste profissional é maior ainda, portanto, a formação docente contribui para que o professor desenvolva metodologias diversificadas que favoreçam o aprendizado da Língua Portuguesa (Damacena, 2020).

Ao se incorporar práticas inovadoras, como projetos de leitura, produção de textos e uso de tecnologias educacionais, o educador amplia as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, embora um dos grandes desafios do ensino da Língua Portuguesa está relacionado as falhas decorrentes para o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes nos primeiros anos de estudo, nesse sentido, a formação do professor deve contemplar estratégias que incentivem o hábito da leitura e o contato com diferentes gêneros textuais, promovendo uma aprendizagem mais crítica e reflexiva.

A reflexão sobre a prática pedagógica é um elemento central na formação docente, pois ao analisar suas próprias ações em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa consegue identificar dificuldades, repensar metodologias e buscar caminhos mais eficazes para promover o desenvolvimento linguístico dos estudantes, ou seja, a formação contínua de professores de LP deve considerar as experiências e necessidades do docente em sala de aula, possibilitando a construção de novos saberes que contribuam para enfrentar os desafios do processo de ensino e aprendizagem (Faria, 2021).

A formação docente também fortalece o papel do professor como mediador do conhecimento e, no ensino da Língua Portuguesa, essa mediação é fundamental para orientar os estudantes na compreensão dos textos, na ampliação do vocabulário e no desenvolvimento da escrita como instrumento de comunicação e expressão, desta forma, os desafios educacionais contemporâneos, a formação do professor precisa considerar a diversidade presente na sala de aula.

No ensino da Língua Portuguesa, isso significa desenvolver práticas inclusivas que respeitem as diferentes formas de aprendizagem e valorizem os conhecimentos prévios dos estudantes, porquanto, a formação continuada de professores de LP constitui-se como um espaço fundamental para o desenvolvimento profissional docente, permitindo a reflexão sobre a prática pedagógica e o aprimoramento das estratégias de ensino da leitura e da escrita (Barros; Storto; Mafra, 2023).

Ao investir-se na formação docente, é investir na qualidade da educação básica, pois professores bem preparados têm mais condições de enfrentar os desafios do ensino da Língua Portuguesa, promovendo uma aprendizagem significativa, personalizada, crítica e transformadora para os estudantes da atualidade.

3 Conclusão

Diante dos desafios educacionais da contemporaneidade discutidos, percebeu-se que, torna-se cada vez mais urgente que o ensino da Língua Portuguesa assume seu papel formador não apenas de leitores competentes, mas de sujeitos críticos, capazes de compreender, questionar e intervir na realidade que os cerca, embora, a leitura, concebida como prática social, deve ser promovida por meio de abordagens pedagógicas que valorizem o diálogo, a diversidade textual, a contextualização e a construção coletiva de sentidos, se tem a formação de leitores críticos na educação básica como um exigir do rompimento com práticas tradicionais centradas na memorização e na análise descontextualizada da norma linguística, priorizando, em vez disso, metodologias que envolvam o estudante de forma ativa e reflexiva.

Sob os aspectos do ensino da Língua Portuguesa e a formação de leitores críticos na educação básica em especial nas Instituições públicas, se tem nesse processo, o professor assumindo um papel fundamental como mediador, proporcionando experiências significativas de leitura e desenvolvendo nos estudantes a autonomia interpretativa através de formações focadas para o

ensino da LP, dado que, formar leitores críticos é uma das grandes responsabilidades da escola e, especialmente, do professor de Língua Portuguesa. Para isso, é necessário superar práticas tradicionais centradas apenas na gramática e na memorização, o que faz da formação continuada excelente subsídio na preparação docente.

Entendeu-se que, o ensino da leitura deve promover a compreensão profunda, o diálogo com diferentes pontos de vista e a reflexão sobre a linguagem como instrumento de poder e transformação social e, como se discutiu com os renomados autores nas entrelinhas deste estudo e, isso incluiu entender a ideia de formar leitores capazes de pensar com autonomia, assim, conseguiu-se responder o problema proposto no estudo, além de se contemplar o objetivo levantado, pois mesmo sendo um escrito de cunho bibliográfico, se mostrou o valor destas novas ideias demonstradas.

Os autores reforçaram a importância dum ensino da linguagem que priorize o diálogo, a problematização e o protagonismo do estudante, a partir desses referenciais, compreendeu-se que, a formação de leitores críticos requer metodologias interativas, uso de gêneros textuais diversos, análise de contextos sociais, culturais, de estímulos na argumentação e na leitura de mundo.

Finda-se destacando que, a partir dos aportes teóricos de autores como, compreendeu-se que o ato de ler deve ser entendido como um exercício de liberdade e de formação cidadã, com tal característica, o ensino da Língua Portuguesa na educação básica deve contribuir para a construção de uma escola mais crítica, democrática e humanizadora, na qual a linguagem seja instrumento de emancipação e transformação social.

Comprovou-se que, o ensino da Língua Portuguesa na educação básica desempenha um papel fundamental na formação de leitores críticos, capazes de interpretar, refletir e posicionar-se diante das diversas informações presentes na sociedade contemporânea, nesse contexto, o trabalho pedagógico precisa ir além da simples decodificação de palavras, promovendo práticas de leitura que incentivem a compreensão, a análise e a construção de sentidos a partir de diferentes gêneros textuais.

Conclui-se, portanto, que o ensino da LP, quando conduzido de forma reflexiva, crítica e contextualizada, tem potencial transformador, favorecendo a formação integral do educando e contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e participativa, ou seja, o professor assume um papel essencial como mediador do processo de aprendizagem, estimulando o desenvolvimento das competências linguísticas e interpretativas dos estudantes e, ao adotar metodologias que valorizem a leitura, o diálogo e a reflexão, contribui-se para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e participativos, preparados para compreender a realidade e atuar de maneira significativa no meio social.

Referências

- AMORIM, Marcel Alvaro de; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. Formação continuada de professores de Língua Portuguesa: reflexões sobre práticas pedagógicas e desenvolvimento profissional docente. **Perspectiva, Florianópolis**, v. 37, n. 2, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e61856>. Acesso em: mar. 2026.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; STORTO, Letícia Jovelina; MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Formação continuada de professores de Língua Portuguesa: reflexões sobre práticas e saberes docentes**. Raído, Dourados, v. 17, n. 43, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raído/article/view/17074>. Acesso em: mar. 2026.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/bncc/>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CÂNDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do Homem. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARNIN, Anderson; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. Formação de professores de Língua Portuguesa e ensino de gêneros textuais: reflexões sobre práticas e desafios. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 2, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15145>. Acesso em: mar. 2026.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAMACENA, Fernanda Silva. Formação docente e ensino de Língua Portuguesa: reflexões sobre diversidade linguística e práticas pedagógicas. **Revista Trama**, Foz do Iguaçu, v. 16, n. 37, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/660>. Acesso em: mar. 2026.
- FARIA, Juliana Batista de. Formação continuada de professores de Língua Portuguesa: desafios e perspectivas para a prática docente. **Educação em Análise**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/43372>. Acesso em: mar. 2026.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos que Se Completam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LEFFA, Vilson J. **Leitura: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- OLIVEIRA, N. Pedro de. **Letramento e Cultura Digital no Currículo da Língua Portuguesa no Ensino Médio**. – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2024. 78 p.: il. Disponível em: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/2024/03/letramento-e-cultura-digital-no.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SILVA, Maria da Conceição; RAMINHO, Ana Cláudia; BRITO, Maria das Graças. O papel do professor de Língua Portuguesa na formação de leitores críticos na educação básica. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/81155>. Acesso em: mar. 2026.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian V. **Alfabetização em Teoria e Prática**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.